

SISTEMAS SOCIAIS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA TEORIA DE NIKLAS LUHMANN

Social systems and media in the theory of Niklas Luhmann

Felipe A. de Luca¹

RESUMO: Para Luhmann, o modelo interpretativo de Bertalanffy é o ponto alto de ruptura com a visão humanística na ciência, embora não seja radical o bastante para romper com as imprecisões epistemológicas que impedem o avanço de uma ciência da sociedade. Para tal, é necessário levar em consideração o caráter relacional e autopoietico dos sistemas sociais a partir de um corte metodológico que identifique o recurso utilizado para sua automanutenção, qual seja, a comunicação.

Palavras-chave: sistema – comunicação – função – estrutura – autopoiese

ABSTRACT: For Luhmann, the interpretive model of Bertalanffy and the high point of rupture with the humanistic view in science, although not be radical enough to break with the epistemological imprecision that prevent the advancement of science of society. For this, is necessary to take into account the relational and autopoietic character of social systems from methodological approach that identify the resource used for your self-maintenance, the communication.

Keywords: *system – communication – function – structure – autopoiesis*

INTRODUÇÃO

Na metade do século XX, com o biólogo Ludwig Von Bertalanffy, a corrente sistêmica também chamada de Teoria Geral dos Sistemas adquiriu dimensões significativas pela sua formulação radicalmente inovadora nas ciências biológicas. De forma geral, a abordagem feita por Bertalanffy sobre a complexidade *estrutural* e *funcional*² dos organismos vivos confrontou a visão predominantemente mecanicista das ciências biológicas, enfatizando que toda natureza seria composta, não de peças ou mecanismos, mas de sistemas que se

¹ Mestre em Filosofia pela USP. Contato: luckdelucca@usp.br

² Por colocar a função (habilidade, ação social) como *derivada* da estrutura (corpo orgânico, valores, cultura) Bertalanffy é considerado “estrutural-funcionalista”, mesma denominação que será dada a Talcott Parsons, sociólogo influenciado por Bertalanffy e professor de Niklas Luhmann.

relacionam *abertamente* com o ambiente em que estão inseridos, construindo relações de complementaridade em suas estruturas.

É a partir dessa pretensão de universalidade da pesquisa de Bertalanffy sobre os sistemas em geral que Niklas Luhmann percebeu que uma aproximação da Teoria dos Sistemas poderia ser útil a perscrutar as leis que não somente governam, mas reestabilizam a sociedade, apesar de todos os seus problemas, de modo a fazê-la continuar existindo e funcionando³.

Mas para essa aproximação, Luhmann precisa romper com a tradição epistemológica dentro da sociologia. Na obra *Sistemas Sociais*, de 1984, o sociólogo alemão faz abordagens claras com objetivo de que a publicação seja considerada como o estudo introdutório para sua teoria. Luhmann define o ponto principal que o separa da tradição filosófica e sociológica:

O centro da diferença consiste em que para a tradição humanista, o ser humano se encontra dentro e não fora da ordem social, como elemento da sociedade. Quando o designava como "indivíduo", o considerava como o último elemento da sociedade que não podia ser decomposto ulteriormente. Era impensável separar a alma do corpo e decompô-los. Tal decomposição destruía o que o ser humano era para e dentro da sociedade. Consequentemente, não só se pensava que o homem dependia da ordem social, como também estivesse ligado a uma maneira específica de viver em sociedade. Sua existência só podia se realizar na sociedade⁴.

Contudo, como ressalta o sociólogo, compreender o ser humano como elemento último da tessitura social implica em tropeçar nos mesmos *obstacles épistémologiques* impostos pela tradição que ele denomina humanista: apoiando-se em Bachelard⁵, o sociólogo afirma que o primeiro destes obstáculos refere-se a hipótese de que a sociedade seja composta de seres humanos ou de relações entre eles, o que se torna um prejuízo humanista por se apoiar de forma

³ Em contraposição ao juízo de Shaftesbury de que "the most ingenious way of becoming foolish, is by a system" (Shaftesbury. *Characteristics of men, manners, opinions, times*. 1999, p. 130), parece que a não formulação de um sistema abrangente é que pode levar a fragmentações teórico-práticas além de transposições conceituais imprecisas de outras disciplinas, assim como aconteceu com a Sociologia. Na época contemporânea claramente se percebe a insustentabilidade das posições que se pretendem únicas ao se pronunciar sobre o mundo; o caso de Luhmann se diferencia justamente por se colocar como *possibilidade*, assim como qualquer outra, entretanto, com uma precisão conceitual que acompanha a complexidade de sua época.

⁴ LUHMANN, N. *Sistemas Sociais: Lineamentos para uma teoria general*. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Iberoamericana, 1998a, p. 199.

⁵ BACHELARD, G. *O novo espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1996. pp. 48-105 e também BACHELARD, G. *A epistemologia*. São Paulo: Martins Fontes. 1971, p. 150 e ss.

deliberada sobre a imprecisão conceitual; quer dizer, se o ser humano é a unidade última da sociedade, ao falar-se de *diferenciação social*, falar-se-ia em realidade de diferenciações entre os seres humanos. É este sentido que sustenta uma sociedade dividida em classes, etnias, nações e grupos, justificando a desigualdade social e atentando contra princípios extremamente valiosos aos próprios humanistas como a igualdade de direitos humanos⁶.

O segundo obstáculo ou prejuízo citado por Luhmann estaria situado na discussão sobre a ideia de *consenso*, ou melhor, sobre a falácia gerada pelo obstáculo anterior e que aponta o estabelecimento e a integração da sociedade através de concordâncias dos homens em relação as suas opiniões e a complementaridade de seus objetivos; como será visto mais adiante, não é preciso que os homens pensem da mesma forma ou sigam exclusivamente os objetivos comuns para que a sociedade evolua, mas também pelo dissenso e pelo conflito pode haver evolução social e, mais propriamente, evolução comunicativa⁷.

O terceiro obstáculo, conforme Luhmann, pode ser chamado de "geográfico" pela referência que se faz à sociedade como uma unidade territorial delimitada, seja por regiões ou pela cultura: é certo, afirma Luhmann, que há diferenças entre as condições de vida nos territórios, porém, estas diferenças devem ser explicadas como tais dentro da sociedade mesma e sem a inversão de causas. Quer dizer, não são os territórios e os costumes que se separam, diferenciam e criam a sociedade, mas a sociedade (conjunto das comunicações) que produz as divisões específicas dentro dela.

Por último, o quarto obstáculo refere-se à teoria do conhecimento que resulta da distinção sujeito/objeto como realidades separadas. Supõe-se que seja possível observar um objeto com total independência e lucidez, *ab extra*. Sendo a realidade uma construção do observador, mediada pela linguagem, é impossível ao sujeito estar isento dos condicionamentos inerentes à sua posição

⁶ Em termos gerais, Luhmann questiona ironicamente essa perspectiva humanista da seguinte forma: "*Yo llamo a esto el prejuicio humanista. ¿Cómo puede entenderse esto? ¿Es que la sociedad consiste acaso de brazos y piernas, ideas y enzimas? ¿Le corta el peluquero el pelo a la sociedad? ¿Necesita a veces la sociedad insulina? ¿Qué tipo de operación caracteriza a la sociedad, si a ella pertenece tanto la química celular como la alquimia de la represión de lo inconsciente?*" LUHMANN, N. *Complejidad y modernidad: de la unidad a la diferencia*. Madrid: Trotta. 1998b p. 52

⁷ LUHMANN, N. *La sociedad de la sociedad*. Mexico: Herder, Universidad Iberoamericana, Daad e Cátedra G. A. Humboldt. 2007, p. 12.

no mundo e, principalmente, descrever a sociedade de uma posição extramundana.

Partindo daquele corte *metodológico* e observando os problemas de uma leitura humanista da sociedade, Luhmann compreende que o indivíduo é o elemento fundamental que faz as observações, distinções e recortes de mundo. No entanto, há diferenças nítidas no produto do sistema psíquico (pensamento) e no produto do sistema social (comunicação), ou “*como se pode afirmar seriamente que a sociedade seja constituída de seres humanos se o contingente é completamente substituído dentro de um prazo relativamente curto [...]?*” E adiciona: “*Os novos que chegam têm que aprender a comunicação para se tornarem sociáveis e para que possam participar do processo social, que já existe quando chegam*”⁸. Enquanto somente existem sistemas e ambiente, a unidade elementar da *autopoiese* do sistema social, não pode ser propriamente o ser humano, mas sim a *comunicação*.

A COMUNICAÇÃO E A ESTRUTURA DO SISTEMA SOCIAL

A entrada da comunicação na formação social traz um grau de liberdade funcional diferente e mais flexível por defender que somente a linguagem seria capaz de deflagrar⁹ sincronizações, redundâncias ou mesmo novas formas de comportamento individual ou coletivo.

Mas é importante não misturar a teoria dos sistemas sociais de Luhmann com a teoria dos sistemas biológicos de Bertalanffy. A comunicação não pressupõe que haja entre indivíduos *transferências de informação* capazes de gerar ordem social. Ora, seria a sociedade um complexo de interação entre sistemas biológicos que geraria, por exemplo, uma cultura, um costume, etc.?

Para Luhmann não. Ao compreender a sociedade como portadora dos processos de comunicação, Luhmann critica a concepção acima levando adiante a distinção entre sistemas psíquicos e sociais para que se possa chegar a

⁸ LUHMANN, N. apud Hoerster D. *O que mantém nossa sociedade coesa em seu íntimo*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2006, p. 264.

⁹ O termo “deflagrar” aqui se insere apenas como recurso elucidativo para se compreender os efeitos da informação para estes pensadores. Como será visto a seguir, Luhmann se afasta não só deste conceito como de qualquer outro que gere a ideia de “transmissão” de informações.

alguma resposta sem que se esbarre nos obstáculos epistemológicos afirmados pela tradição humanista.

De acordo com a interpretação de Marcelo Neves, “pela mesma razão que nega a postura reducionista da sociobiologia, o modelo sistêmico-teorético não reconduz a evolução social a indivíduos ou grupos humanos”¹⁰. Essa concepção partiu da afirmação de que a sociedade é formada por um conjunto de indivíduos humanos, emergindo exatamente da reunião deles (o que seria denominado “emergência de baixo”). Considerando-se, entretanto, que os seres humanos fazem parte do *ambiente* dos sistemas sociais, seus organismos ou as suas consciências apenas podem condicionar-lhes, mas não determinar-lhes a *evolução social*. Isso porque a sociedade só emerge quando conexões de comunicação distanciam-se e diferenciam-se de sua infraestrutura orgânica e psíquica, da vida e da consciência humana (o que passa a ser denominada “emergência de cima”).

O que é sustentado por Luhmann, portanto, é que as comunicações são os elementos últimos constituintes da sociedade, enquanto que as expectativas sobre elas constituiriam as estruturas que as tornariam recorrentes.

Por estrutura, Luhmann dita certas definições¹¹ que, em geral, apontam para a compreensão de que se trata não de um tipo particular de estabilidade, mas de uma organização que torna possível a reprodução autopoietica do sistema de acontecimento em acontecimento¹². Isto significa que a fluidez da estrutura permite o conhecimento, o relacionamento e a seleção contínua dos elementos dentro do sistema social reduzindo uma gama de possibilidades combinatórias em poucos e constantes direcionamentos internos; neste sentido, “a estrutura está pré-condicionada como seleção de possibilidades limitadas na

¹⁰ NEVES, Marcelo. *Entre Têmis e Leviatã: O estado Democrático de Direito a partir e além de Luhmann e Habermas*, 2008, p. 4.

¹¹ Segundo Luhmann: “as estruturas são condições de conhecimento” (2009, p. 323); “as estruturas só são reais na medida em que são utilizadas [...], a durabilidade não é o modo de existência das estruturas, mas sim a disponibilidade para quando são utilizadas” (2009, p. 327-328); “a realidade da estrutura pode ser então definida como a representação do contexto recursivo da operação. Esta apreende o passado e projeta para o futuro, servindo-se de uma memória que é seletiva” (2009, p. 328); “la estructura consigue realizar la transición de una complejidad no estructurada a una estructurada” (1998a, p. 259); “una estructura es [...] la limitación de las relaciones permitidas en el sistema”. LUHMANN, N. *Sistemas Sociales*, Barcelona: Anthropos; México: Universidad Iberoamericana, 1998a, p. 259.

¹² Cf. LUHMANN, N. *Sistemas Sociales*. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Iberoamericana, 1998a p. 262

constituição de elementos qualificados na autopoiese”¹³ e este pré-condicionamento pode ser facilmente comprovado quando se pensa que somente mediante uma pré-orientação sobre o que já aconteceu e o que pode acontecer é possível chegar à construção, por exemplo, de uma lei, do mandato de uma ordem, do pedido de um favor ou da expressão de uma opinião¹⁴.

Visto que a relativa invariabilidade da estrutura, que não se confunde com estabilidade, assegura a identidade do sistema pela condensação e repetição de observações que não se modificarão tão simplesmente por observações ulteriores, emergem, assim, os “valores característicos” relativamente estáveis do sistema social que não são substanciais, mas funcionais¹⁵. E cabe perguntar: como se garante que estas observações não se modificarão logo em seguida?

A resposta poderia se desenvolver em um âmbito normativo, valorativo ou mesmo linguístico, conforme Durkheim ou Talcott Parsons, no qual o sujeito é um acidente da ação: “uma ação se realiza quando já existe uma concatenação de valores coletivos que se fazem presentes no momento em que o ator está decidido a atuar”¹⁶; no entanto, o que Luhmann aponta é que entre *alter* e *ego* (pessoas ou grupos) há uma relação com base em expectativas recíprocas que culmina na regulação de si próprios¹⁷. O autor ainda ressalta que:

(...) mesmo que se aceite que realmente exista uma determinada regulação da ordem social mediante os valores e as normas e, inclusive, a linguagem, não fica claro como é possível atingir a regulação da dupla contingência, na vida cotidiana, pois o fato é que mesmo compartilhando valores em comum, pode-se chegar ao conflito (...)¹⁸.

Tomando outro caminho, para Luhmann, pode-se dizer que a ordem social trata de *coordenação temporal* das comunicações; ou seja, ela acontece quando o *ego* faz uma proposta, ou efetua uma ação, que submete o *alter* a uma situação de reação: aceitar ou recusar a proposta. Desse modo, há uma

¹³ Cf. Idem, *ibidem*, p. 260

¹⁴ Cf. LUHMANN, N. *Sistemas Sociales*. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Iberoamericana, 1998a, p. 328

¹⁵ Cf. LUHMANN, N. *Complejidad y modernidad*, Madrid: Trotta. 1998b, p. 19

¹⁶ PARSONS, T. apud LUHMANN, N. *Introdução à teoria dos sistemas*. Petrópolis: Vozes. 2009, p. 44

¹⁷ Tal como afirma Luhmann, na perspectiva parsoniana, antes que os indivíduos se disponham a atuar, já há uma integração da sociedade por meio da moral, valores e símbolos normativos, o que implica admitir que a sociedade só é possível se já está previamente integrada sob a forma de sistema. VILLAS BÔAS FILHO, O. *Teoria dos sistemas e o direito brasileiro*. São Paulo: Saraiva. 2009. p. 21.

¹⁸ LUHMANN, N. *Introdução à teoria dos sistemas*. Petrópolis: Vozes. 2009, p. 319.

dupla contingência – pois ambos podem romper com a continuidade da comunicação – que se constrói sobre a base de uma autorreferência circular que fica determinada pela sequência histórica de *sins* e *nãos* no sistema comunicativo¹⁹.

Pressupondo que os comunicantes não são idênticos entre si, assim como também não são as suas vivências e perspectivas, torna-se importante observar como o sistema social alcança êxito comunicativo e se este necessita de dispositivos suplementares como reforço, já que *nenhuma sociedade poderia existir confiando à sorte o êxito da comunicação*.²⁰

Uma primeira parte da resposta destaca a *linguagem* como fenômeno de enlace entre consciência e sociedade; em uma perspectiva coevolutiva, Luhmann percebe que a emergência da consciência como fenômeno de atenção sobre percepções identificáveis (ruídos, movimentos, etc.) e a operação recursiva da comunicação mediante o intercâmbio de signos (e não somente como relação esporádica de resposta ao signo, como aconteceria com os animais) tornam-se possíveis graças à linguagem:

*Temos aqui, portanto, o surgimento de um acoplamento estrutural, no âmbito tanto da consciência como no da comunicação, e que, de início, devia ser muito pouco diferenciado e pobre em complexidade, mas que na fase em que hoje se encontra, foi ganhando complexidade nas duas direções (consciência-comunicação), de modo a também refletir no aumento de complexidade da linguagem*²¹.

Quando Luhmann fala de acoplamento estrutural entre o sistema de consciência e o sistema de comunicação, não somente está reafirmando o ser humano como uma multiplicidade de diferentes tipos de sistema como também está apontando a existência de uma relação muito específica entre estes. O acoplamento estrutural, termo desenvolvido pelo biólogo Humberto Maturana, pode assim ser resumido: *“um exemplo [...] é a musculatura dos organismos que é condizente com a força da gravidade, embora restrita a âmbitos de*

¹⁹ Essa bifurcação na qual o sistema social pode operar evolui, portanto, através de distinções que, ao serem realizadas, fazem emergir o tempo como condição de “dessimultaneidade”; enquanto não há uma distinção todas as situações são simultâneas e desordenadas; a distinção como acontecimento temporal permite localizar, esquematizar e ordenar as situações sob esquemas causais e de processos.

²⁰ LUHMANN, N. Introdução à teoria dos sistemas. Petrópolis: Vozes. 2009, p. 134

²¹ Idem.

possibilidades de movimentos”²². Na elucidação de Maturana, afirma-se, então, que a musculatura pode ser entendida como um sistema que se autoestimula e autodetermina através de operação e complexidade próprias, isto é, que não se confunde com o ambiente e outros sistemas. Transpondo para o âmbito dos sistemas em geral (psíquicos e sociais) o conceito de evolução estaria então se afastando das concepções de “sobrevivência do mais apto” ou de “luta pela vida”, sustentando agora que cada esfera se autodetermina pelos elementos que possui e pelo objetivo que persegue frente ao ambiente que apenas condiciona²³.

Para observar a sociedade em termos de comunicação, a hipótese de Luhmann é que a linguagem seria uma via de mão dupla capaz de ligar especificamente o sistema psíquico e o social, promovendo irritações, ou melhor, estimulações entre ambos.

O acoplamento estrutural entre sistema psíquico e sistema social realizado através da linguagem evidencia em um primeiro momento como esta exclui uma gama de outras percepções para absorver apenas algumas muito especiais, neste caso, os signos:

Observando-se a comunicação oral, verifica-se que nela existe uma elevada seletividade, na medida em que muitos ruídos possíveis foram deixados de lado, concentrando-se na articulação altamente seletiva de signos acústicos que denominamos de linguagem. Esse espectro de signos acústicos é tão excludente que qualquer desvio sonoro nas palavras provoca perturbação na consciência, obrigando-a a sair em busca da retificação do que se pretendia expressar. Assim, temos na linguagem, tanto oral quanto escrita, o exemplo mais patente de padrões altamente seletivos, que se reduzem a uns tantos signos standardizados, e não permitem que toda a riqueza de percepção possa ser processada. Por mais complexa que seja a linguagem, e por mais refinadas que sejam as suas estruturas temáticas, ela jamais poderia viabilizar o reflexo de tudo o que existe no meio, em todos os níveis de operação da realidade²⁴.

Para Luhmann, portanto, tudo o que age sobre a sociedade que não seja comunicação, precisa passar pelo duplo filtro, a saber, o da consciência e o da

²² MATURANA, H. apud LUHMANN, N. *Introdução à teoria dos sistemas*. Petrópolis: Vozes. 2009, p. 131

²³ “A evolução não se dirige a um fim determinado ou à realização de um ideal ou valor. Não há uma teleologia da evolução, embora possa se falar de determinações teleológicas que a condicionam positiva ou negativamente. Em outras palavras, a evolução também não é planejada, embora formas concretas de planificação apresentem-se como fatores da evolução”. NEVES, M. *Entre Têmis e Leviatã*, São Paulo: Martins Fontes. 2008, p. 5

²⁴ LUHMANN, N. *Introdução à teoria dos sistemas*. Petrópolis: Vozes. 2009, p. 134

possibilidade de comunicação, para que seja compreendido/selecionado e gere mais complexidade dentro da sociedade. Em outras palavras, pode-se afirmar que embora a comunicação dependa de muitas condições para se realizar, nenhuma das condições ambientais pode influenciar o processo comunicacional, a não ser, exclusivamente, o sistema psíquico, que ao operar também no âmbito da linguagem com sentido, pode irritar as suas estruturas constituintes e criar uma nova significação para uma dada expectativa²⁵.

Ora, a repetição ou ressignificação de uma expectativa, ponto crucial para o desenvolvimento de objetivos comuns, não pode depender unicamente da linguagem enquanto troca de signos entre presentes, mas de estruturas catalisadoras capazes de radicar seleções e motivações específicas aos sistemas psíquicos²⁶; nesse caso, num segundo momento, a linguagem por si só é insuficiente para a coordenação de uma sociedade complexa e funcionalmente diferenciada e, portanto, necessita de dois tipos de estrutura responsáveis por delimitar e direcionar as comunicações; tais estruturas são o *esquematismo binário* e os *meios de comunicação simbolicamente generalizados*.

ESQUEMAS E SÍMBOLOS

Em termos gerais, o *esquematismo binário* dentro do pensamento sistêmico consiste em uma “*regra de duplicação que permite relacionar toda entidade que caia em seu campo de aplicação com uma entidade correspondente*”²⁷; isto é, levando em conta que a linguagem permite relacionar toda enunciação positiva com uma enunciação negativa, define-se o esquema binário como um tipo de codificação que permite distinguir entre identidade e diferença excluindo um terceiro valor:

²⁵ Cf. Idem, *ibidem*, p. 140. Dessa forma, entende-se que as estruturas constituintes do sistema psíquico se *irritam* porque possuem uma expectativa sobre a informação selecionada e, por isso, pode tanto aceitá-la como rejeitá-la.

²⁶ Cf. LUHMANN, N. *Complejidad y modernidad*, 1998b, p. 111. Observa-se aqui a interpenetração (irritação recíproca) entre sistemas psíquicos e sociais: o sistema psíquico (pensamento, consciência) tem privilégio em estimular o sistema social (comunicação) e o sistema social, através de estruturas objetivas como os meios de comunicação, tem privilégio na estimulação do sistema psíquico.

²⁷ CORSI, G.; ESPOSITO, E; BARALDI, C. *Glosario sobre la teoria social de Niklas Luhmann*. Barcelona: Anthropos. 1996, p. 40

*Tal binarismo se expresa en lógica en el principio del tercero excluído; una comunicación científica es verdadera o no verdadera, y no existen otras posibilidades; um organismo está vivo o no vivo, y no puede estar um poco vivo*²⁸.

Ao operar de forma binária, a linguagem reduz drasticamente uma gama de possibilidades do objeto em apenas duas únicas opções (valor positivo/valor negativo), o que não somente facilita, mas agiliza a conexão entre os códigos anteriores e posteriores: a codificação binária aqui é fundamental porque trata de modo *simétrico* seus valores comparando-os com suas expectativas: nesse sentido, em uma sociedade funcionalmente diferenciada, o sistema científico trabalha exclusivamente sob o código verdadeiro/falso assim como o sistema jurídico trabalha exclusivamente sob o código lícito/ilícito. Ciência e Direito aqui são dois exemplos de como a opção pelo valor positivo da forma (verdadeiro, lícito) representa a capacidade de união e compatibilidade entre os enunciados presentes na memória do sistema, e a opção pelo valor negativo (não-verdade, ilícito) representa um ponto de reflexão no qual estes sistemas se voltam sobre si mesmos para a verificação dos enunciados precedentes²⁹.

Em suma, a partir do esquematismo binário, há a pressuposição de que esta realização permite os sistemas descomplexificarem o ambiente por meio de uma dualidade simples e apropriada que progressivamente se baseia na consistência das operações anteriores e na combinação de resultados para chegar a conclusões até mesmo totalmente distintas³⁰.

Mas, se a codificação binária da linguagem traz a vantagem de tornar possível a compreensão, ainda não se descarta, como visto anteriormente, que através dela também seja possível o rechaço, pois a codificação enquanto tal não contém nenhuma *preferência* pelas versões positivas ou negativas dos enunciados, mas ambas são igualmente compreensíveis e possíveis entre si. Segundo Luhmann, é com a evolução das formas de autocontrole no processo

²⁸ CORSI, G.; ESPOSITO, E; BARALDI, C. *Glosario sobre la teoria social de Niklas Luhmann*. Barcelona: Anthropos. 1996, 40-41

²⁹ Cf. Idem, *ibidem*, p. 43

³⁰ LUHMANN, N. *Complejidad y modernidade*. Madrid: Trotta. 1998b, p. 111-112

de interação social que, somado aos signos, transformaram as probabilidades de não em probabilidades de *sim*³¹.

Desde a época clássica grega já se colocava a questão de como se poderia fazer aceitar um enunciado e mesmo motivar uma ação através da linguagem. Uma das saídas consistiu no reforço dos mecanismos de persuasão da linguagem entre presentes, a saber, a retórica, como um recurso alternativo às armas³². Assim, a linguagem se apresenta como uma generalização de sentido através de símbolos, mas necessita de meios mais eficazes para a generalização de motivações³³.

Se a linguagem como interação concreta entre presentes auxiliada pela hábil manipulação dos símbolos amplia a possibilidade de aceitação da comunicação e só pode ser interrompida se os presentes se ausentam do contexto comunicativo, com a propagação da linguagem alfabética abrem-se novas possibilidades:

*(...) a dimensão social da escrita está livre do contínuo intercâmbio de papéis entre quem fala e quem escuta, gerando um novo gênero de autoridade, a capacidade de elaboração racional em uma estrutura sequencial da comunicação*³⁴.

Ou seja, diferentemente da "intensidade" momentânea da palavra falada, a palavra escrita, como comunicação entre ausentes, torna radicalmente mais amplo o acesso ao conhecimento³⁵ e, por não se tratar de simples anotações, mas de uma linguagem com pretensão de ser *compreendida* (pois pressupõe leitores), se torna, em diversos sentidos, mais rigorosa no processo de

³¹ Cf. LUHMANN, N. *La sociedad de la sociedad*. Ciudad del Mexico: Herder, Universidad Iberoamericana, Daad e Cátedra G. A. Humboldt. 2007, p. 248-249

³² Idem, p. 310

³³ LUHMANN define mais exatamente três tipos de generalização de motivações: a) autoridade: que se constitui com base no êxito em ações anteriores (tradição); consolidam expectativas (hábitos) e dificultam recusas; b) reputação: mais próxima dos mecanismos cognitivos, mas ainda relativamente acrítica, pois se baseia em justificações e esclarecimentos de casos seguros, mas, na medida em que as razões para determinadas decisões são reconhecidas clara e universalmente, desaparece também a reputação; c) liderança: fundada basicamente na imitação, na qual "uns aceitam porque outros também aceitam". Cf. LUHMANN, N. *Poder*. México: Universidad Iberoamericana; Barcelona: Anthropos, 1995, p. 62.

³⁴ LUHMANN, N. *La sociedad de la sociedad*. Ciudad de Mexico: Herder, Universidad Iberoamericana, Daad e Cátedra G. A. Humboldt. 2007, p. 212

³⁵ O advento da imprensa transformou a leitura repetitiva e intensa dos mesmos textos manuscritos em uma leitura mais extensiva e comparativa, que revisa os materiais de leitura na busca sempre nova de seu valor de informação e entretenimento (o que leva a considerar os interesses da demanda) Cf. Luhmann, N. *La sociedad de la sociedad*. Ciudad de Mexico: Herder, Universidad Iberoamericana, Daad e Cátedra G. A. Humboldt. 2007, p. 228

seleção de sentido para públicos descentralizados³⁶. Portanto, aparecem aqui os sinais de que a linguagem por si só não é capaz de gerar ações coletivas, mas, conforme Luhmann, a partir do século XV em diante (época em que os mais diversos temas da comunicação começam a se distanciar para maiores públicos) já se pode notar com clareza que a linguagem como o mais primário meio de difusão (ainda que auxiliada pela mais alta tecnologia) necessita estar *acoplada* a meios de comunicação que expressem um misto de *condicionamento* e *motivação* para que possam dar continuidade a padrões comportamentais, ações coletivas e *autopoiese*. A linguagem, portanto, necessita dos *meios de comunicação simbolicamente generalizados*.

Pela denominação *meios de comunicação simbolicamente generalizados* compreende-se mais especificamente que determinados símbolos superem a contingência linguística através da generalização de sentido, ou melhor, do tratamento de uma pluralidade de referências como uma unidade. Trata-se, então, de uma unidade que permite dar *validez universal* a uma perspectiva do símbolo e regular todas as situações específicas, sem determiná-las, por meio dessa validade (independente da identidade dos participantes): amor, verdade, poder, dinheiro são alguns desses símbolos³⁷.

A diferenciação entre os meios de comunicação simbolicamente generalizados acontece no curso da evolução do sistema social: como visto anteriormente, as expectativas entendidas como estruturas do sistema tratam de antecipações prontas para, no caso de uma frustração, serem cognitivamente alteradas ou, no caso de êxito, serem mantidas normativamente. Isso leva a

³⁶ Sobre esta afirmação, Luhmann observa que a evolução do Ocidente em relação a imprensa não está simplesmente na característica mercantil (compra e venda de livros), já que a China também possuía, a muito mais tempo, as condições técnicas e de mercado para a produção; há de ser levado em consideração um aspecto mais específico dessa relação: “o específico do Ocidente foi combinar a imprensa com a revolução religiosa. Com efeito, se a imprensa surge em um mundo religioso, mas se orienta pela busca do lucro, a mercadoria que permite à imprensa se generalizar como aquisição evolutiva é justamente a Bíblia. O letramento do Ocidente é em grande medida conduzido pela leitura da Bíblia. As consequências se tornam então rapidamente visíveis: O único problema é que os leitores, quando podem ler a Bíblia, podem ler também outros textos; quem pode ler a Bíblia, pode também ler panfletos de polêmica religiosa, jornais, romances. Cf. LUHMANN, N. *La sociedad de la sociedad*. Ciudad de Mexico: Herder, Universidad Iberoamericana, Daad e Cátedra G. A. Humboldt. 2007, p. 226; BACHUR, J. P. *Às portas do labirinto: para uma recepção crítica da teoria social de Niklas Luhmann*. Rio de Janeiro: Azougue. 2010. p. 58-59

³⁷ Cf. CORSI, G.; ESPOSITO, E; BARALDI, C. *Glosario sobre la teoria social de Niklas Luhmann*. Ciudad de México: Anthropos. 1996, p. 107. “Na Grécia antiga, o símbolo era uma moeda que era quebrada em parte uma cuja junção se reconhecia o hospede ou aquele a quem se devia hospitalidade. Hospitalidade é um valor aceito por ambos os lados, simbolizado pela moeda ao qual alguém se pode referir e que coordena o agir. A moeda ‘serve de sinal do nexo do familiar e não-familiar no familiar’”. LUHMANN, N. apud HOERSTER, D. *O que mantém nossa sociedade coesa em seu íntimo*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2006, 2006, p. 254.

caracterizar apenas um dos valores do código binário, a saber, o valor positivo, como preferência social³⁸ – entre verdade/não-verdade a diretriz é a verdade; entre o poder/não-poder a diretriz é o poder, etc. – e tendo no outro, no valor negativo, o ponto de reflexão sobre a contingência do valor positivo; busca-se explicações *ad hoc*, hipóteses adicionais para manter a expectativa, trata-se a frustração como exceção³⁹.

A QUESTÃO DA MORAL

A partir destas considerações, torna-se impossível não perguntar sobre o lugar da moral dentro da evolução social segundo a teoria sistêmica. A moral, na perspectiva luhmanniana também trata de uma generalização simbólica, mas somente por um viés superficial e unilateral poderia haver uma assimilação entre *moralidade* e *aglutinação social*. Para Luhmann, a moralidade pressupõe limitação às possibilidades de especificação funcional. Ao ser baseada em condições de *estima* entre participantes – reconhecimento geral e valoração de indivíduos que correspondam às expectativas – a moral leva a pensar o indivíduo como *pessoa*, uma totalidade em si independentemente de sua interação sistêmica (biológica, psíquica e social), mas que, por natureza, aspira ser estimada e evita ser desestimada. Segundo Luhmann:

A moral é uma generalização simbólica que reduz a total complexidade reflexiva de relações alter/ego, que são duplamente contingentes, a expressões de estima, e que abre, devido a esta generalização: 1) um espaço livre para os condicionamentos e 2) a possibilidade de reconstruir a complexidade mediante um único esquema binário de estima/desestima⁴⁰.

³⁸ Deve-se aqui ressaltar mais uma vez a separação entre sistema psíquico e social: *“los valores son socialmente estables porque psicologicamente son inestables”*. Cf. LUHMANN, N. LUHMANN, N. apud HOERSTER, D. *O que mantém nossa sociedade coesa em seu íntimo*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS. 2006, p. 267

³⁹ Cf. CORSI, G.; ESPOSITO, E; BARALDI, C. *Glosario sobre la teoria social de Niklas Luhmann*. Barcelona: Anthropos. 1996, p. 108; LUHMANN, N. *Sociologia do Direito I*, 1983, p. 63. Como exemplo: o dinheiro, dentro do sistema econômico, é aceito como compensação para um valor porque pode ser gasto novamente; assim também ocorre com a verdade dentro da ciência: se houve uma pesquisa feita por métodos corretos, o resultado é reconhecido e a comunicação científica continua sem qualquer perturbação. Cf. HOERSTER, D. *O que mantém nossa sociedade coesa em seu íntimo*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS. 2006, p. 254

⁴⁰ LUHMANN, N. *Sistemas Sociales*. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Iberoamericana, 1998a, p. 220

A moral, como generalização atribuída a pessoas e não a comunicações, potencializa assimilar uma dada ação ou qualidade particular à pessoa como um todo, entrelaçando condições sob as quais se cria um vínculo forte e íntimo o bastante para construir um sistema social comum. Mas *“este efeito de união [...] pode dificultar aos outros o opinar contrário [...] também se pode seduzir outros a se comprometerem moralmente consigo próprios, para depois, os abandonar”*⁴¹. Nesse sentido, o vínculo moral entre os indivíduos aparenta ser estável, mas se sustenta apenas no nível superficial da interação.

A excessiva generalização simbólica da moral na sociedade, considerando a pessoa como um todo a partir do código estima/desprezo, torna difícil traçar atribuições e méritos assim como uma adequada mediação dos sistemas frente aos conflitos interpessoais: ao se expressar estima ou desprezo por alguém, expõe-se arriscadamente a própria autoestima, o que conduz facilmente ao emprego da força como meio drástico de afrontar desafios e manter a própria “dignidade moral”⁴².

Com a institucionalização do duelo, ou dos possíveis duelos nas sociedades funcionais, há a sobreposição, por exemplo, do subsistema Direito e de seu código próprio (lícito/ilícito) como antecipador e imunizador dos possíveis conflitos, pois:

*(...) o direito se ocupa apenas em evitar a aparição violenta de um conflito e em disponibilizar a forma de comunicação adequada para fazê-lo. Quando alguém apela ao direito, o material de comunicação se reordena; os textos se tornam relevantes; citam-se outros casos; as opiniões de determinadas instâncias adquirem importância; torna-se possível remontar no tempo, em séculos, talvez milênios, desde que os fatos possam fornecer informação para o conflito. O direito serve para dar continuidade a informação, ao estabelecer contatos com outros meios de comunicação, como a política e a ciência. Ele é adequado para a sociedade, não só quando pode reconhecer os conflitos existentes, mas também, de fato, quando pode produzir os conflitos suficientes e disponibilizar sua própria complexidade para tentar resolvê-los*⁴³.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 155

⁴² A moral tradicional, portanto, torna-se problemática para as sociedades funcionais porque leva seus participantes a adotarem compromissos excessivamente fortes (tight coupling) entre si, desprezando qualquer outra posição diferente. Cf. LUHMANN, N. *Sistemas Sociais*. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Iberoamericana. 1998a, p. 203 e ss.

⁴³ LUHMANN, N. *Introdução à teoria dos sistemas*, 2009, p. 338

Ao concluir que a função da comunicação moral pode então ser neutralizada e substituída pelos meios de comunicação simbolicamente generalizados que obedecem códigos binários próprios e que cujos valores (positivo/negativo) são mais eficientes que os da moral (estima desprezo), Luhmann compreende que ainda assim é impossível excluir a comunicação moralizante, pois esta adquiriu na evolução do sistema social uma função de alarme que aponta as realidades inquietantes onde ocorre a sabotagem dos códigos e o conseqüente predomínio de representações estáticas político-legitimadoras sobre outros⁴⁴.

Neste sentido, Luhmann ressalta que não há nas sociedades funcionais uma instância central ordenadora de sentido e significado, mas todas as decisões e exigências jurídicas, estéticas, religiosas, científicas, econômicas, políticas se dão exclusivamente dentro de seus respectivos sistemas cuja interdependência condiciona e intensifica a evolução mutuamente. Ou seja, a linguagem, os meios de difusão e os meios de comunicação simbolicamente generalizados são aquisições evolutivas que, em mútua dependência, fundamentam e aumentam os rendimentos de processamento informativo que podem contribuir para a comunicação e coordenação social. Desta maneira, a sociedade se produz e se reproduz como sistema social com base na comunicação e, conforme as condições de suas expectativas torna-se mais *complexa* do que as sociedades anteriores.

CONCLUSÃO

No modelo interpretativo para agrupamentos humanos denominado Teoria dos Sistemas Sociais, cada conjunto forma um sistema dentro de sistemas, reproduzindo de modo especializado o padrão pré-estabelecido pelo sistema mais amplo. O ambiente, repleto de relações possíveis e circundando-os, torna-se horizonte para as suas observações e para ressignificação de suas próprias existências.

Não que o sistema seja um indivíduo de carne e osso, mas uma individualidade sistêmica que se manifesta nas esferas de sentido do político, do

⁴⁴ Cf. LUHMANN, N. La sociedad de la sociedad, 2007. p. 316

metafísico, do biológico, do sociológico, etc., cada uma delas fechadas em si, autopoieticas. A sociedade, constituída por todas essas esferas de sentido colocadas em movimento pela *comunicação*, é vista, então, como um *sistema social* compossível com outros, a saber, com *sistemas psíquicos* e *sistemas biológicos*. E essa será uma das principais críticas que serão feitas ao pensamento de Niklas Luhmann: a de ser anti-humanista⁴⁵. Ora, esse anti-humanismo se situando no âmbito *metodológico* proporciona ao sociólogo não só uma rigorosa ferramenta de análise para a Sociologia (descrever as descrições de mundo), como também proporciona um modelo interpretativo complexo o bastante para lidar com a complexidade funcional da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ASHBY, Walter. R. *Design for a Brain* [reprinted with corrections]. New York: John Willey & Sons Inc. 1954.

BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Tradução Estrela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. *A epistemologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

BACHUR, João P. *Às portas do labirinto: para uma recepção crítica da teoria social de Niklas Luhmann*. Rio de Janeiro: Azougue. 2010.

BERTALANFFY, Ludwig. *Teoria general de los sistemas: fundamentos, desarrollo, aplicaciones* [Trad. de Juan Almela] 7ª reimpresión. Ciudad de México: Fondo de Cultura Economica. 1989.

BUCKLEY, Walter F. *A sociologia e moderna teoria dos sistemas*. [Trad. Octávio Mendes Cajado e revisão técnica da tradução de Gabriel Cohn]. São Paulo: Cultrix. 1971.

CIRNE-LIMA, Carlos. *Dialética e Auto-Organização*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

⁴⁵ Vide, por exemplo, Habermas, J. (*O discurso filosófico da modernidade*), Zolo, D. (*Complessità e democrazia*).

CORSI, G.; ESPOSITO, E; BARALDI, C. *Glosario sobre la teoria social de Niklas Luhmann*. Ciudad de México: Anthropos. 1996.

HAMMOND, Débora. *The science of synthesis: Exploring the social implications of general systems theory*. USA/Colorado: University Press of Colorado. 2003.

LUHMANN, Niklas. *Social Systems*. USA/Stanford: Stanford University Press. 1995.

_____. *Sistemas Sociales: lineamentos para una teoria general* [trad. Silvia Pappe y Brunhilde Erker; coord. Javier T. Nafarrate] Barcelona: Anthropos; México: Universidad Iberoamericana, 1998a.

_____. *Complejidad y modernidad: de la unidad a la diferencia* [trad. Josetxo Berian y José M. G. Blanco] Madrid: Trotta. 1998b.

_____. *La sociedad de la sociedad* [trad. Javier T. Nafarrate] Ciudad de Mexico: Herder, Universidad Iberoamericana, Daad e Cátedra G. A. Humboldt. 2007.

_____. *Introdução à teoria dos sistemas* [trad. Ana Cristina Arantes Nasser]. Petrópolis: Vozes. 2009.

NEVES, Marcelo. *Entre Têmis e Leviatã: O estado Democrático de Direito a partir e além de Luhmann e Habermas*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2008.

SANTOS, José M. *O pensamento de Niklas Luhmann*. Covilhã/Port.: Universidade da Beira Interior. 2005.

SOROKIN, Pitirim. *Teorías sociológicas contemporaneas* [Trad. Elvira Martin]. Montevideo: Editorial Depalma. 1951.

WEBER, Max. *Theory of social and economic organization* [edit. Talcott Parsons]. New York: The Free Press. 1964.

WIENER, Norbert. *Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos* [trad. João P. Paes]. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultrix. 1968.